



A INCLUSÃO SOB O OLHAR DE PROFESSORES DE UMA ESCOLA DA ZONA RURAL DO MUNICÍPIO DE PRESIDENTE FIGUEIREDO – AM.

Patrícia Mariano Oliveira da Silva¹ e Dalmir Pacheco²

1Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas

patriciabuenidia_@hotmail.com

2Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas

dalmirpachecoo@gmail.com

Resumo: O presente trabalho teve como objetivo conhecer a visão dos professores de uma escola da zona rural do município de Presidente Figueiredo-AM, em relação à inclusão escolar. A pesquisa foi realizada com uma abordagem quali-quantitativa, através da observação e aplicação de questionários semi-estruturados para 13 (treze) professores. Os dados analisados demonstraram que a percepção desses profissionais sobre a inclusão escolar, apesar da formação acadêmica e capacitações, ainda apresenta muitas dúvidas e o quanto é essencial que o ambiente escolar discuta a inclusão, para que apesar das inúmeras barreiras, os educadores não sejam antagonistas na efetivação da escola inclusiva.

Palavras-Chave: professores, inclusão escolar, deficiência.

INTRODUÇÃO

As sociedades não são estáticas, elas se transformam e como se fossem organismos vivos, evoluem. Essa evolução é o resultado da busca pelo conhecimento, da luta por respostas para solucionar as questões da vida e é também resultado das mudanças individuais, pois não há evolução do homem sem autoconhecimento. Nesse sentido, percebemos a importante função da Educação como incentivadora da reflexão, do conhecimento, do aprimoramento do homem.

As políticas educacionais demonstram a necessidade de ofertar educação para todos. Intensificam-se as formas de ingresso e flexibilizam-se os currículos. Dessa forma, pensar em inclusão é pensar em ensino diferenciado, capacitação e novas concepções de mundo. Para Romanowski (2012), estimular a reflexão do professor e a formação é essencial para o desenvolvimento da escola da diversidade. A construção de uma nova visão deve partir da análise das percepções que os professores apresentam da educação especial, consequentemente da inclusão, de suas posturas e atitudes.

¹Acadêmica do Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas - IFAM.

²Doutor em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação – UFAM; Professor de Sociologia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas.



Para Libâneo (1998), os professores que desenvolvem uma qualificação continuada percebem que podem mudar, aprendendo diante dos desafios ocorridos durante a sua prática. Isso através de uma ação crítico-reflexiva praticada pelo docente, pontuando o que precisa ser melhorado e o que deve ser mantido em seu planejamento. Lupinacci (2015) enfatiza que compreender o olhar do professor para a inclusão escolar, para seus desafios é primordial na construção de novas perspectivas.

Considerando que a função do professor é essencial para o sucesso da educação inclusiva, conhecer as suas visões e inquietações demonstra a pertinência deste trabalho. Nesse sentido foram realizados questionários semi-estruturados com professores de uma escola de ensino regular da zona rural do município de Presidente Figueiredo, no Amazonas, para conhecer seus olhares em relação à inclusão escolar, averiguar as dificuldades encontradas por eles, compreender como entendem a normalidade e encaram a deficiência, na tentativa de construir um esboço da realidade para futuras intervenções.

Percepção: a construção de um olhar.

O olho é um teatro por dentro.

Cecília Meireles

Percepção é a maneira como nós vemos o mundo e a nós mesmos. A palavra vem do latim *perceptione* e significa ato ou efeito de perceber. E *Perceber*, vem do latim *percipere*, que quer dizer, apoderar-se de, formar ideia de, entender, compreender (Lima, 2010). Para a Gestalt o indivíduo é capaz de perceber porque faz associação com aquilo que foi percebido, e a interpretação construída pelo sujeito possui uma forma diferente daquilo que corresponde à realidade. Nessa teoria a estruturação da percepção é composta pelos estímulos recebidos pelo meio e a resposta emitida pelo indivíduo. Não há definições engessadas e nem interpretações fechadas: cada leitor é um interpretante livre imediato (SANTAELLA, 1993).

De acordo com Ballone (2005), a nossa percepção não identifica o mundo exterior como ele é realmente. A forma como percebemos o mundo é o resultado das transformações realizadas pelos nossos órgãos dos sentidos e de questões como os fatores culturais, circunstâncias, valores, atitudes, nossa personalidade e motivação afetiva. As concepções dependerão da posição espaço/temporal do olhar. A imagem formada da realidade não é única, pode ser distorcida ou estruturada por vários fragmentos de olhares, assim como relata Anjos (2006) em seu trabalho: o espelho em cacos.



Bernardo (2010) acredita que a percepção é um tipo de aprender o mundo e a interioridade do sujeito. Lupinacci (2015) relata que o olhar está enraizado em algo prévio e inconsciente. Nós olhamos com base em uma posição anteriormente construída ao longo da vida, de onde algo se destaca, constituindo um processo de dentro para fora e vice-versa. A construção da nossa visão de mundo, da forma como o percebemos e nos relacionamos com seus conflitos e desafios, reflete a influência daqueles que observamos em nossa trajetória de vida. Há uma fusão entre observador e observado.

É na trama dos olhares, Eu/Outro, que o sujeito inscreve suas primeiras experiências de ser separado do Outro, volta-se para uma existência na alteridade e constitui um Eu. A maneira de cada um experimentar a dança dos olhares determina um modo de funcionamento psíquico (QUEIROZ 2005, p.98).

Augusto (2009) menciona a relação entre olhar e perceber e sugere que olhar não é apenas direcionar os olhos para perceber aquilo que está ao nosso redor, mas representa o zelo pelo outro. É fazer com que o sujeito observado passe a ser objeto de cuidado do observador.

A percepção da vida, a forma de interpretação e entendimento, é a premissa da atuação do sujeito no mundo, ou seja, as percepções dos sujeitos interferem diretamente nas suas atitudes e nos seus posicionamentos (CARVALHO, TEIXEIRA, NEGREIROS, 2010). Portanto, entender a construção dos olhares, os fatores que contribuem para a formação da percepção humana e aqueles capazes de reconstruir imagens, é fundamental para a compreensão do comportamento humano.

Normalidade x Anormalidade: os olhares sobre a deficiência.

De filhos do pecado a resultados da impressão materna. Surdos, cegos, sem braços ou pernas, estranhos e loucos. Estas e outras características condenaram muitos indivíduos ao isolamento e ao fracasso.

Durante a Idade Média, o nascimento de uma criança malformada era entendido como punição religiosa da família ou interpretado como presságio para ocorrência de catástrofes e eventos políticos. Na Antiguidade, acreditava-se na chamada impressão (ou sugestão) materna, que poderia influenciar a ocorrência de uma malformação (NUNES, 2012, p. 28).



Na Alemanha nazista, por exemplo, um programa de eugenismo e eutanásia para crianças deficientes, chamado Aktion (Ação) T4, que também tinha como objetivo se expandir para adultos, decretou a morte de milhares de indivíduos considerados “incuravelmente doentes” e a esterilização daqueles que possuíam “defeitos ou comportamentos anti-sociais hereditários”. Inúmeras lutas foram travadas ao longo da História para que pudéssemos, a passos lentos, evoluir, superar preconceitos, quebrar barreiras.

A palavra normalidade vem do grego *norma*, que significa medida, com a acepção de perfeição, de máximo, de protótipo. Para o critério normativo, o ser humano normal seria o padrão perfeito. Dentro do critério estatístico, seria o homem mais freqüente. Na visão sociológica seria o homem que em seu meio encarna melhor o tipo convencional de cultura, de espírito da época e que se adapta às exigências do ambiente (DOYLE, 1950).

A deficiência gera o preconceito devido a um distanciamento em relação aos padrões físicos e/ou intelectuais determinados por uma sociedade, com base naquilo que se considera ausência, falta ou impossibilidade, o que torna a deficiência uma exceção (SILVA, 2006). Para Franco & Dias (2005), a relação da sociedade com a pessoa com deficiência varia de cultura para cultura, refletindo crenças, valores e ideologias que refletem em modos diferenciados de relacionamentos entre as pessoas, com ou sem deficiências. "O estranho representa o retorno do que o sujeito não quer de forma alguma enfrentar e é por isso que ele sempre tenta se afastar, se manter a distância de tudo o que lhe causa sensação de estranheza" (MITSUMORI 2005, *apud* LUPINACCI 20015, p.58).

Professores e a Inclusão Escolar

A forma como o professor entende a inclusão é determinante na sua ação como profissional e a qualidade do processo de inclusão depende, entre outros fatores, desse olhar. De acordo com Monteiro & Ferreira (2007), percepção não se limita ao registro de uma informação sensorial, é muito mais que isso, pois implica a atribuição de sentido, sentido esse que vai de encontro com a experiência de cada um. Os professores são essenciais no processo de reforma educacional e na criação de novas propostas pedagógicas, pois estão diretamente ligados ao processo de ensino – aprendizagem (MACHADO, 2007). O modelo de escola que necessitamos, capaz de grandes transformações sociais e onde a inclusão escolar se concretize plenamente, tem como base a ação e a motivação dos professores.



Não há dúvida de que podemos pensar na escola como instituição que pode contribuir para a transformação social. Mas, uma coisa é falar de suas potencialidades... uma coisa é falar “em tese”, falar daquilo que a escola poderia ser. [...] outra coisa bem diferente é considerar que a escola que aí está já esteja cumprindo essa função (PARO, 2001, p.1).

MÉTODOLOGIA

O início de uma investigação científica, para Boni & Quaresma (2005), deve ser baseado no levantamento de dados que neste trabalho foi constituído pela pesquisa bibliográfica, observação em campo e coleta de dados através da aplicação de questionários.

A coleta dos dados teve uma abordagem quali-quantitativa, com aplicação de questionários semi-estruturados para 13 professores que trabalham com educação básica em uma escola da zona rural do município de Presidente Figueiredo. Para Mynayo, 1996, as pesquisas qualitativas envolvem valores e crenças que não podem ser analisados quantitativamente. Dados quantitativos e qualitativos complementam-se em uma pesquisa. A abordagem quantitativa baseia-se na descrição estatística dos dados, enquanto que a qualitativa descreve determinadas realidades através de observação, documentos e notas de campo (BOGDAN e BYKLEN, 1999).

Situado a nordeste do Estado do Amazonas, 118 km de distância de Manaus, o município, cujo nome é uma homenagem a João Baptista de Figueiredo Tenreiro Aranha (1798-1861), presidente da província do Amazonas na época do império, ocupa uma área de 24.781 Km² e representa 1,58% da área do Estado, sendo facilmente acessado pela BR 174 (OLIVEIRA, 2011).

A referida escola, localizada na zona rural do município, possui 22 professores, 3 pedagogos, 1 gestora. A escola funciona em três períodos, atendendo a um total de 607 alunos. Destes, 14 são identificados com necessidades especiais diversas, tais como deficiência física, surdez, intelectual e transtorno do espectro autista. O referido espaço escolar não apresenta sala multifuncional, nem atividades de contra turno voltadas para os alunos com necessidades especiais, tampouco, banheiros adaptados, piso tátil, sinalização em Libras e Braile, jogos ou qualquer material adaptado. Com exceção de uma rampa, localizada no acesso principal, não há acessibilidade no ambiente. Moraes (2007) entende que a promoção da acessibilidade no

ambiente construído é fornecer condições de mobilidade, garantir a autonomia e segurança, eliminando as barreiras arquitetônicas e urbanísticas.

Pesquisas relacionadas ao ensino devem registrar o ponto de vista dos professores, pois suas percepções são necessárias para a compreensão das problemáticas que envolvem a escola. A partir desses preceitos utilizamos um questionário semi-estruturado, contendo quinze (15) questões, a fim de identificar os olhares dos professores e suas dificuldades em relação ao processo de inclusão.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Idade, Sexo e Tempo de magistério

Com relação à idade dos entrevistados, a porcentagem entre indivíduos com idade entre 30 e 40 anos foi de 46%, sendo 54% com faixa etária entre 40 e 50 anos. Quanto ao sexo, dentre os 13 entrevistados, verificou-se que a maioria, 70% é do sexo feminino.

Dos 13 (treze) entrevistados, 77%, correspondendo a dez dos professores, possuem mais de onze anos de experiência no magistério.

Formação acadêmica

Referente à formação acadêmica dos entrevistados, verificou-se que a maioria apresenta graduação, sendo que 15% dos profissionais não possuem nível superior completo. O que demonstra a necessidade de incentivo para a formação continuada. Para Mileo & Kogut (2009), todos os profissionais necessitam estar em constante atualização, uma vez que a sociedade está sempre em transformação pelo avanço da tecnologia e pelo desenvolvimento humano. A prática pedagógica exige um professor bem capacitado e preparado. Os 85 % restantes apresentam as formações descritas na tabela abaixo:

Tabela 1: Formação Acadêmica dos professores pesquisados

	Magistério	Graduação	Cursos de Capacitação
Professor 1	X		
Professor 2	X		
Professor 3		Normal	Letramento



	Superior	
Professor 4	Normal Superior	Letramento
Professor 5	Normal Superior	Docência do Ensino
Professor 6	Normal Superior	Educação Especial
Professor 7	Pedagogia	Psicopedagogia
Professor 8	Licenciatura Ed. Física	Educação Especial
Professor 9	Licenciatura Matemática	
Professor 10	Licenciatura Matemática	Educação Especial
Professor 11	Letras	Educação Especial
Professor 12	Licenciatura História	Educação Especial
Professor 13	Licenciatura Ciências Biológicas	

Trabalhar com alunos com necessidades especiais

Dos entrevistados, 69% trabalharam com alunos com alguma deficiência. Quando perguntados se teriam algum problema em receber alunos com necessidades em suas salas de aula, 53% afirmaram que teriam algum problema principalmente por não se sentirem capazes de trabalhar com esses alunos. Dos treze professores, dois que não possuem nível superior completo, já trabalharam com alunos com deficiência e afirmaram que não teriam problema em trabalhar novamente. Enquanto que os cinco que participaram de cursos de capacitação na área da Educação Especial demonstraram insegurança. Diversos autores enfatizam a importância da formação continuada como instrumento de contribuição para que o professor se sinta capaz de lidar com situações diversas em sala de aula e desmistificar antigos tabus.

“Só sei que nada sei”. A frase atribuída a Sócrates, pai da filosofia, talvez explique a insegurança daqueles professores que tiveram oportunidade, através de cursos de capacitação,



de conhecer o universo de informações e de diversidade dentro da Educação Especial. Levando-os a certeza do quão grande são suas responsabilidades.

Conceitos de Deficiência, Normalidade e Inclusão

A ideia de normal ou anormal está relacionada com a época, a cultura e a vivência de cada indivíduo. O que não é comum a cada um de nós pode, a princípio, causar rejeição. O limite entre o normal e o anormal é construído com base nas crenças, valores e tradições vigentes em uma determinada época e espaço. Aquilo que no presente se apresenta como normal poderia ser considerado patológico em outra época (ELÓI, 2016). Quando perguntados sobre o conceito de normalidade, deficiência e inclusão, foram fornecidas as respostas demonstradas na tabela abaixo:

Tabela 2: Conceito dos professores pesquisados sobre de Deficiência, Normalidade e Inclusão

Deficiência	<p><i>“Deficiência é alguém que tem anormalidade física, problema físico”.</i></p> <p><i>“Ter certa limitação”.</i></p> <p><i>“Bloqueio no desenvolvimento mental ou físico”.</i></p> <p><i>“Toda perda que gera incapacidade”.</i></p> <p><i>“A deficiência está na maioria das vezes na escola e em seus profissionais”.</i></p>
Normalidade	<p><i>“Normalidade - pessoa considerada oficialmente normal”.</i></p> <p><i>“Não há normalidade. Há um modelo do que poderíamos chamar de normal”.</i></p> <p><i>“É o que diferencia saúde de doença”.</i></p> <p><i>“Um ser comum”</i></p>
Inclusão	<p><i>“Inclusão é dar a mesma oportunidade a um aluno especial, que um aluno sem necessidades, porém, respeitando o ritmo do aluno com necessidades”.</i></p> <p><i>“Seria incluir um indivíduo com restrições,</i></p>



dentro de um ambiente onde há pessoas ditas normais, e que tenham o direito ao acesso às atividades e benefícios da vida social”.

“Inserir, capacitar ao meio”.

“Direito da pessoa de ir e vir, fazer parte de qualquer meio social”.

“É deixar ou oportunizar que alguém se inclua, sinta segurança e confiança onde está, e a aceitação por parte dos alunos e profissionais da educação”.

Expectativas em relação à aprendizagem dos alunos e à Inclusão Escolar.

Para 12 (doze) dos 13 (treze) entrevistados são boas as expectativas em relação à aprendizagem dos alunos. Porém no que se refere à inclusão escolar, 54% dos educadores afirmaram que as expectativas são regulares.

Dentre as principais dificuldades encontradas pelos profissionais da educação no momento de trabalhar com alunos com deficiências, 76% afirmaram que a falta de recursos, materiais adaptados e de preparo profissional são os principais empecilhos para alcançar bons resultados no processo de inclusão na escola. Destes, 69% enfatizaram o prejuízo ocasionado pela ausência familiar, além de espaço físico inadequado, falta de investimento do governo e ausência de planejamento específico para casos especiais.

A experiência docente, a formação acadêmica, capacitações, disponibilidade de recursos, apoio e tempo para atender as necessidades educativas de todos os alunos, são fatores essenciais para a análise do processo de inclusão. Além disso, para Mantoan 1998, apud Cardoso & Bastilha 2010, apesar do papel do professor ser essencial, a implementação de uma escola inclusiva depende de diversos aspectos tais como: presença de uma equipe multidisciplinar, participação da família, controle do número de alunos nas classes, eliminação de barreiras arquitetônicas, um novo olhar sobre a deficiência, apoio da sociedade política, destinação de verbas, adequação de currículos, metodologias e sistemas de avaliação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Deficiência não é apenas o que o “olhar” médico descreve, mas principalmente a restrição à participação plena provocada pelas barreiras sociais (DINIZ, 2009). A escola



observada ainda não se encontra adaptada para receber os alunos com deficiências, demonstrando que a acessibilidade constitui uma difícil barreira. Embora a maioria dos professores concorde com a inclusão de alunos com deficiência nas salas regulares, aceitem as diferenças, esses profissionais, muitos dos quais possuem formação na área de educação especial, não se sentem preparados para trabalhar no processo de inclusão, sugerindo que a formação não é único fator determinante para a construção do seu olhar sobre os alunos com necessidades especiais.

Para Plaisance (2010) apenas haverá futuro para a inclusão se esta estiver acompanhada por medidas concretas. Conforme Freitas (2008), a inclusão requer concepções diferenciadas de ensino, capacitação docente e repensar valores humanos e culturais. O futuro da inclusão escolar em nosso país dependerá de um esforço coletivo, que obrigará a uma revisão na postura de pesquisadores, políticos, prestadores de serviços, familiares e indivíduos com necessidades educacionais especiais, para trabalhar numa meta comum, que seria a de garantir uma educação de melhor qualidade para todos (MENDES, 2006).

A escola precisa efetivar a sua essência de espaço de discussão e reflexão. Falar sobre o processo de inclusão escolar, colocá-lo na pauta das reuniões e planejamentos, dando voz aos professores, descobrindo seus anseios e ouvindo suas experiências pode ser o caminho de rompimento de tabus e possibilidade real de que os alunos com necessidades especiais possam ter acesso às oportunidades de desenvolvimento que lhes são necessárias, não por uma questão de sensibilidade ou solidariedade, embora a humanidade necessite desses valores, mas por uma questão de exercício da cidadania e da justiça.

REFERÊNCIAS

- ANJOS, H. P. dos. **O espelho em cacos: análise dos discursos imbricados na questão da inclusão.** Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, 2006.
- AUGUSTO. S. O. **Ver depois de olhar: a formação do olhar do professor para os desenhos de crianças.** 2009. 147 f. Dissertação (Mestrado em Didática, Teoria e Ensino e práticas Escolares) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2009.
- BALLONE, G.F. **Percepção e realidade.** In. Psiqweb, Internet, disponível em www.psiqweb.med.br, 2005.
- BERNARDO. M. J.; OLIVEIRA. M.S.S.; KAWADA.V.T. **Percepção e Educação do Olhar.** Universidade Federal do Amazonas, 2010.
- BODGAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação Qualitativa em Educação – Uma introdução à teoria e aos métodos.** Porto, Portugal: Porto, 1999.
- BONI, V.; QUARESMA, S.J. **Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais.** Em Tese. Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC. Vol.2 nº1(3), janeiro-junho/2005, p.68-80.



CARDOSO, V.D.; BASTILHA, R.R. **Inclusão de alunos com necessidades especiais na escola: reflexões acerca da Educação Física Adaptada.** Revista Digital – Buenos Aires – Ano 15, n. 146. Jun. 2010.

CARVALHO, A.C.S.; TEIXEIRA, S.M.O.; NEGREIROS, F. **Entre o Discurso e a Ação: a inclusão escolar sob a ótica dos professores no Piauí.** Disponível em <http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppqed/arquivos/files/v.encontro.2010>.

DINIZ, D.; BARBOSA, L.; SANTOS, W.R. **Deficiência, Direitos Humanos e Justiça.** Revista Internacional de Direitos Humanos. São Paulo, v.6, n. 11, p. 64 -77.

DOYLE, I. **Estudo da Normalidade Psicológica.** Arquivos de Neuro – Psiquiatria. São Paulo. v.8, n. 2. Abr./jun. 1950.

ELÓI, J. Normal ou Anormal, eis a questão! Disponível em <http://www.psicologiafree.com>. Acesso em 15/07/2016.

FRANCO, J. R.; DIAS, T. R. S. **A pessoa cega no processo histórico: um breve percurso.** Revista Benjamin Constant, Edição 30, abril de 2005. Disponível em: <http://www.abc.gov.br/?catid=4&itemid=10028>. Acesso em: 15/07/2016.

KOGUT, M. C.; MILEO, T. R. **A importância da formação continuada do professor de Educação Física na prática pedagógica.** Psicologia em Estudo. Maringá, v.10, n. 2, p. 227-234, mai/ago. 2005.

LIBÂNEO, J. C. **Adeus Professor, Adeus Professora? Novas exigências educacionais e profissões docentes.** São Paulo: Cortez, 1998.

LIMA, S. F. **Comunicação e Expressão através dos textos.** Editora Biblioteca 24 horas. São Paulo, 2010.

LUPINACCI, L.G.R. **O olhar do professor para a inclusão escolar – Possíveis aproximações entre a Educação e a psicanálise.** 2015.141 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2015.

MACHADO, V. B. **O professor e a Inclusão do aluno com Déficit de Atenção e Hiperatividade.** 103 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Escolar) – centro de Ciências da Vida – PUC – Campinas. 2007.

MENDES, E. G. **A radicalização do debate sobre a inclusão escolar no Brasil.** Universidade Federal de São Carlos. Revista Brasileira de Educação v. 11 n. 33 set./dez. 2006.

MINAYO, M. C. S.; SANCHES, O. **Quantitativo-Qualitativo: oposição ou complementaridade?** Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, 9 (3): 239-262, jul/set, 1993.

MONTEIRO, M.M.; FERREIRA, P.T. **Ser Humano – 2ª parte.** Psicologia. Porto Editora, Porto. 2007.

MORAES, M. G. de. **Acessibilidade e inclusão social em escolas.** Universidade Estadual Paulista Júlio De Mesquita Filho, Bauru. 2007.

NUNES, H. H. de MOURA. **A Enfermagem e o nascimento de um bebê com anencefalia: contribuição para mães e profissionais de saúde.** Tese (Doutorado em Enfermagem) – Escola de Enfermagem Anna Nery, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2012, 111p.

OLIVEIRA, I. C. de. **A hierarquização dos atrativos naturais do município de Presidente Figueiredo no Estado do Amazonas.** Dissertação (mestrado) – UFRJ/ COPPE/ Programa de Engenharia de Produção, 2011.

PARO, V.H. **Gestão Democrática da Escola Pública.** Painel "A gestão democrática da Educação: reflexões com vistas à Constituinte" In: XIII Simpósio Brasileiro de Administração da Educação, 1986, João Pessoa - PB. p.1-4. Disponível em: <http://www.sindservsantos.org.br/imagens/upload/documento69.doc>. Acesso em: 30 jul. 2016.

PLAISANCE, E. Cadernos de pesquisa. **Ética e inclusão.** FCC, v.40, n. 139, p. 13 -43, jan./abr. 2010.



II CINTEDI
II CONGRESSO INTERNACIONAL DE
EDUCAÇÃO INCLUSIVA
II Jornada Chilena Brasileira de Educação Inclusiva

16 a 18
NOVEMBRO
2016
LOCAL DO EVENTO
CENTRO DE CONVENÇÕES
RAYMUNDO ASFORA
GARDEN HOTEL
CAMPINA GRANDE-PB

QUEIROZ, E. F. de. **A trama do olhar.** Latin American Journal of Fundamental Psychopathology on Line, ano v, n.1, p. 89-100, nov.2005.

ROMANOWSKI, J. P. **Formação e profissionalização docente.** Curitiba: Inter Saberes, 2012.

SANTAELLA, Lúcia. **A Percepção: uma teoria semiótica.** São Paulo, Ed. Experimento, 1993.

SILVA, L. M. **O estranhamento causado pela deficiência: preconceito e experiência.** Revista Brasileira de Educação. V.11, n. 33 p. 424-561, set/dez 2006.

